

Quanto aos enfrentamentos de São Jerônimo à autoridade da *Septuaginta*: reflexões sobre o trabalho de tradução e exegese na Alta Idade Média.

RAQUEL DE FÁTIMA PARMEGIANI*

O ofício do tradutor, assim como do autor, é uma categoria cuja formulação ou uso têm variado enormemente ao longo da história, ou seja, ela muda no sentido de que seus procedimentos mudam com o tempo, segundo um laço estreito com a coisa a traduzir, assim como muda o pensamento sobre a linguagem e a hermenêutica.

Pode-se dizer que a tradução é um acontecimento que deflagra a existência da diferença e semelhança entre o texto de partida e o tradutor. Esse, como leitor, tem sua percepção sobre o texto que é condicionada pelos limites estabelecidos por sua própria mobilidade: ele descreve aquilo que é passível de estruturação a partir de seu próprio contexto cultural, produzindo, dessa forma, categorias que resultam das etapas de sua concepção.

Embora não possamos deixar de lado a observação de Walter Benjamin, de que todos os textos contêm implicitamente sua tradução, cujo desejo é restituir um sentido, algo a ser revelado, é importante ter em mente que o ato da leitura promove o encontro e a interação com o outro: [...] ao extrair significados que imagina estarem situados no texto, ele (o leitor) vivencia uma situação de risco, pois faz emergir algo que não existia, que não aparecia no outro. (GOROVITZ, 2011, p. 15)

A partir destas reflexões, nos propomos a fazer uma análise sobre o papel exercido pela tradução no que concerne ao processo constitutivo da formação escritura cristã no mundo latino nesse período, mais especificamente, do trabalho de exegese. Para tanto, investigaremos as afirmações, os questionamentos etc. que São Jerônimo faz ao seu próprio trabalho de tradutor. Este autor viveu num momento estratégico de transição entre o mundo antigo e medieval, no que se refere ao trânsito entre cultura cristã e clássica e, entre textos de língua gregas para a latinas, hebraica e latina e, por isso, é um testemunho importante desse processo.

Os anos de atuação deste homem como escritor cristão foi marcado por um trabalho mais intenso de exegese em língua latina na Igreja de Roma - que começou tardiamente em relação aos Patriarcados de Antioquia e Alexandria. Portanto, as traduções de São Jerônimo, sem dúvida alguma, estiveram nas bases da constituição dos cânones, dos textos dogmáticos e

* Professora da UFAL/Campus A. C. Simões, Doutora em História pela UNESP/campus de Assis.

exegéticos de toda a Igreja Ocidental, assim como da própria forma de compreensão de si da cultura escrita medieval

E se a primícia maior da tradução (ao menos numa visão ingênua sobre essa prática) é a procura da fidelidade e o apagamento do tradutor – transparência –, fazer-se passar pelo original, o trabalho de São Jerônimo o coloca numa posição quase de autor – no uso contemporâneo deste termo –, posto que as bíblias traduzidas para as línguas modernas tem como texto de partida a Vulgata e não o original em grego ou hebraico, daí a importância deste autor para nosso trabalho:

Diferente do Corão, que se impõe por todos os lados no Islã, a Bíblia, no mundo cristão, só foi conhecida e praticada como texto religioso fora do judaísmo através da tradução que foram os originais segundos: a Septuaginta, a Vulgata (declarado único texto autêntico no Concílio de Trento, 1546), a tradução de Lutero e a King James Version, a versão inglesa autorizada de 1611, as duas em país protestante. [...] (MESCHONNIC, 2009, p. 41)

A história da leitura desta obra, a Bíblia, só pode ser alcançada por meio das traduções que marcam o olhar ocidental sobre ela. O próprio texto hebraico não está acessível fora deste olhar e de sua história, visto que, até mesmo para os judeus da diáspora – ao menos a maior parte deles –, o único texto conhecido era uma tradução, a *Septuaginta*.

Roland Barthes afirma que, como campo de observação autônomo, a tradução delimita certos fenômenos homogêneos, a saber, os efeitos de linguagem (BARTHES: 1975, p. 148). Assim, o trabalho da tradução reside na delimitação de certos efeitos de linguagem considerados necessários para a eficácia da operação tradutora. Traduzir pode ser compreendido como uma reescrita cujo ato pressupõe uma condição de interação, podendo ser abordada como situação de passagem: entre línguas, culturas, leitores e autores. Esse processo parte portanto de uma hierarquia temporal e genealógica na qual a tradução vem depois do original e se constitui a partir do original. O tradutor portanto:

(...) quer forçar dos dois lados: forçar a sua língua a se lastrear de estranheza, forçar a outra língua a se de-portar em sua língua materna. Ele quer ser escritor, mas não é senão re-escritor. Ele é autor – e nunca o Autor. Sua obra de tradutor é uma obra, mas não é A Obra. Essa rede de ambivalências tende a deformar a pura visada tradutória [...]. (BERMAN, Apud GOROVITZ, 2011, p. 14)

Trata-se, assim, de uma atividade cuja prática envolve fatores culturais que estão vinculados a atividade da escrita e da leitura, assim como da relação que determinada

sociedade tem para como o livro/objeto. Não resta dúvida de que a mesma obra não é de fato a mesma quando muda sua linguagem, sua pontuação, diagramação e o suporte que a acolhe. É preciso levar em conta, ao tratar da experiência da tradução como um ato de leitura, da relação entre: livro/objeto e texto; tradução e autoria; tradutor e o discurso que compõe o texto de partida; e por fim, o próprio conceito de autor. Por conseguinte, esse exercício carrega em si um repertório lexical, estético, cultural, além de uma compreensão do livro como objeto, peculiar a cada época.

Para o período da antiguidade e do medievo, Roland Barthes desta que a prática da tradução deve ser pensada a partir desta perspectiva de que cultura escrita era entendida com uma rede funcional de artes, quer dizer, de linguagem submetida a regras. Desta forma, ela não estava ligada, como hoje, a um valor de originalidade. O que conhecemos como autor não existia. Ao redor de um texto antigo e medieval existia diferentes funções: o *escriptor* que recopia simplesmente; o *compilador* que agrega algo à cópia, mas nunca o que provem de si mesmo; o *comentador* que introduz sem dúvida o texto recopiado, mas só para fazê-lo inteligível; e por fim o *autor* que coloca suas próprias ideias, mas sempre apoiando-se em outras autoridades.

Assim, os textos antigos e medievais eram julgados pelo nível de trabalho que apresentavam e pela eficácia na realização dos propósitos para os quais haviam sido criados.

Também o conceito sobre gêneros da escritura, carrega consigo esse processo de mudança. O trabalho exegético ou teológico, por exemplo, como o entendemos na contemporaneidade, pressuposto de ciência, passa a ser possível segundo Gilbert, somente a partir do século XII. Antes a palavra teologia confundia-se com os textos bíblicos. Escritura sagrada designava, portanto, tanto o texto sagrado, como sua exegese. (GILBET, 2009, p 30)

É fato que as regras que cercavam o trabalho do tradutor, até esse período, o aproximava das regras da oratória e da gramática. Nas escolas romanas a tradução era uma atividade comum tanto no aprendizado de gramática como de retórica. Nos estudos gramaticais, ela era considerada uma forma de comentário textual e, nos de retórica, uma forma de imitação. Daí também a grande superposição entre as práticas de comentários, traduções e imitação literária (FURLAM, 2010, p. 81).

Há no trabalho da tradução, a partir de regras da retórica e da gramática, a possibilidade da construção da unidade de uma cultura romana ou/e cristã. A necessidade de

traduzir texto gregos aparece, de forma efetiva, no momento que Roma deixa de ser bilíngue – conhecimento da língua grega e romana:

Suas traduções revelam antes seu interesse pelas criações literárias, pelos conhecimentos científicos de outros povos e pelo desejo de erigir sua própria literatura. Na tradução artística, uma invenção latina se produz em uma romanização não somente da expressão mas também do conteúdo, com ênfase no texto de chegada. A tradução é, pois, concebida como a produção de uma réplica através da diferença, do deslocamento, da substituição e apropriação cultural ou canônica. (FURLAN, 2010, p. 82)

Não podemos deixar de lado que a retórica é uma ciência, linguagem-objeto (linguagem argumentativa e linguagem objeto), que carrega em si moral e prática social: sendo um sistema de regras ela é um manual de receitas animados por uma finalidade prática e um código, um corpo de prescrições morais cujo objetivo final é restringir (permitir e limitar) os desvios da linguagem; neste sentido ela também é uma prática social, posto que permite que os grupos dirigentes assegure a propriedade sobre a palavra. Trata-se antes de tudo de um código cultural (BARTHES, 1970, p. 10)

Dito isso, fica fácil compreender as polemicas que envolveram o trabalho de tradução de São Jerônimo. A obra *Apologia Contra Rufino*, por exemplo, escrita em 401 d. C. carrega consigo uma clara disputa teológica que tem como base os textos gregos de Orígenes - autor que embora as obras tenham sido condenadas no concílio de Alexandria (400), não deixou de ter influência sobre a literatura cristã.

O projeto de Jerônimo de traduzir a obra deste autor para a língua latina ganhou ares de disputa teológica quando Rufino, resolveu dar continuidade a este trabalho. Em um prefácio à tradução da obra *Apologia de Orígenes*, Rufino salienta o fato que tradutores de Orígenes anteriores ele, haviam acrescentado ideias heréticas ao texto para pôr a baixo o prestígio deste autor entre aqueles de fala romana.

Como resposta a essa acusação de heresia e, principalmente, à crítica feita a seu trabalho como tradutor, Jerônimo nos dá uma das mais importantes reflexões sobre tradução deste período, a qual tem como base de argumentação uma discussão cara aos escritores cristãos da época: a revisão dos textos que compunham o cânone bíblico mediante a tradução e a crítica filológica.

O trabalho de tradução dos textos do Antigo Testamento diretamente do hebraico, veio ao encontro da necessidade de que este material estivesse adaptado ao modelo cristão de

exegese e não mais permanecesse na dependência que a Septuaginta carregava em relação as explicações rabínicas em matéria de gramática, sintaxe e significado de palavras e expressões. A tradução destes textos deveria aproximá-los da “verdade cristã”, o que é possível ver claramente na obra *Questões relativas ao Antigo Testamento*, na qual o autor faz um trabalho etimológico dos nomes, lugares e objetos presente nestes textos.

Mas sem dúvida, a razão principal pela qual Jeronimo se arrisca a uma tradução do Antigo Testamento, a partir do texto original, é sua convicção de que a prática da tradução seria um primeiro comentário. Isso vai ao encontro da ideia de que a tradução, para o período Medieval, é uma prática, antes de mais nada, de deslocamento da fonte, do texto de partida:

[...] O objetivo da fonte é reinventar a fonte, de modo que, assim como na teoria retórica, a atenção é dirigida para a produção ativa de um novo texto dotado de seus próprios deveres efetivos e adequados às circunstâncias históricas particulares de sua recepção. [...] (COPELAND, 1991, p.30)

Havia a necessidade de adaptação dos textos bíblicos ao universo da escrita alto medieval dominado por uma retórica já um tanto cristianizada, que se alimentava essencialmente de Cícero e Quintiliano, mas que também contava com uma produção medieval de trabalhos relativos a ornamentos, a figuras de linguagem um tanto quanto cristianizados. Não podemos esquecer que o próprio Novo Testamento era um grande manancial figurativo e São Jerônimo não se cansou de usá-lo para tratar dos textos do Antigo Testamento, como podemos perceber em um trecho da carta 18, escrita ao Papa Damásio:

Sigue: ‘Vi al Señor sentado en un trono alto y sublime, y toda la casa estaba llena de su majestad. Y unos estaban en torno a él’. Antes que yo, algunos autores, tanto griegos como latinos, han interpretado este pasaje en el sentido de que el Señor sentado sobre el trono es Dios Padre, y que los dos serafines que se dice están a cada lado son nuestro Señor Jesucristo y el Espíritu Santo. A cuya autoridad yo no me adhiero, aunque se trate de hombres eruditísimos, pues vale más decir rústicamente lo que es verdadero que no proferir elocuentemente lo falso, tanto más que el Padre, sino Cristo. Pues hablando de la incredulidad de los judíos, a continuación expone sus causas: No podían creer en Él, porque Isaías había dicho: ‘Oiréis con vuestros oídos, pero no entenderéis; miraréis, pero no veréis’. Esto lo dijo cuando vio la gloria del Unigénito y habló acerca de él (Jn 12, 39-41). (São Jerônimo, Carta 18A, 4)

Não há que se questionar que, em grande parte do trabalho de Jeronimo, exista um caráter moral e de disputas político/dogmáticas presentes nas regras que ele diz aplicar no seu trabalho de tradutor. Sem dúvida, sua tradução direta dos textos sagrados ou dos trabalhos de

exegese como o de Orígenes, carregam, uma forte recorrência teológica incluída na forma técnica do trabalho.

A tradução realizada por São Jerônimo, dos textos que compõe hoje o cânone bíblico do Antigo Testamento Cristão, caminham para este mesmo sentido. A pedido do papa Damásio (382-385), Jeronimo começou uma revisão das versões latinas da Bíblia, principalmente dos Evangelhos e dos Salmos. Tratou-se em um primeiro momento, de ajustar o mais possível o texto latino do original grego. Pouco mais tarde, passou a se interessar pela tradução dos textos do cânone judaico diretamente do hebraico para o latim.

Os motivos que o levaram a recorrer aos textos direto do hebraico estão certamente cercados pelas motivações apologéticas com as quais o ator se agarra:

(...) Discutindo éste com um judio vários passajes referidos al Salvador, el judio se evadía siempre afirmando que tales testimonios no constaban do texto hebreo. Ante la súplica de Sofronio, que pide una solución, Jerónimo comentará que 'una cosa es rezar los salmos en las iglesias de Cristo, y otra muy distinta responder palabra por palabra a las objeciones provenientes de los judíos' (Prol. In. Lib. Psalm. Iuxta hebr). Para lo primero basta con la versión de los Setenta; para lo segundo hay que recurrir al texto hebreo. (CELESTINO, 2012, p. 79)

E se a ele é colocada a questão de que sua tradução poderia desautorizar os antigos tradutores – a versão da Septuaginta –, sua resposta é negativa:

(...) siguiendo sus propios estudios – dice – nosotros trabajamos como podemos en la casa del Señor. Ellos hicieron su traducción antes de primera avenida de Cristo y, lo que no sabían todavía los expresaron con formulaciones inseguras, nosotros escribimos después de su pasión y su resurrección, y no hacemos profecía, sino historia. No se narra con la misma seguridad lo que se ha oído que lo que se ha visto. Y mientras mejor entendamos una cosa, mejor la expresaremos. No desautorizo, pues, ni corrijo a los Setenta; pero, sinceramente, por encima de ellos prefiero a los apóstoles: por su boca me habla Cristo. (Apud. Prol. In Pent. CELESTINO, 2012, p. 80)

O trabalho de exegese de Jeronimo não nos deixa dúvidas sobre esta afirmação. Se até o século XII a exegese é uma atividade sagrada como a prece e a pregação, aproximar-se desses textos, significava descrever uma mensagem divina, mas transcrita numa língua humana, destinada a leitura humana. A escritura era parte da mensagem divina e o mundo era a outra parte. Diante dessa realidade, deveria haver também um cânone fechado de interpretações desse texto. (DAHAN, 2009, p. 9)

Para São Jerônimo, um intelectual afeito a cultura clássica – gramática e retórica – a Bíblia carregava consigo, além de um meio de salvação, um corpo literário que poderia

empareidar-se aos tesouros da ciência grego-romana. E esta convicção está nas bases do seu trabalho de tradução e exegese:

[...] será nuestro trabajo, o el de aquellos que sobre los libros hebraicos sospechan incongruencias, rechazar los errores o devolver su autoridad aquellas cosas que parece que afloran en los códices latinos e griegos; también explicar con el significado de la lengua vernácula las etimologías de las cosas, nombres y regiones que no tienen significado en nuestra lengua [...] Ni discutimos los errores de los intérpretes de la Septuaginta, como censuran los envidiosos, ni pensamos que nuestro trabajo compos en la refutación de aquéllos, puesto que ellos no quisieron transmitir a Ptolomeo, rey de Alejandría, las cuestiones místicas que se encuentran en las Sagradas Escrituras, especialmente aquellas que prometían la venida de Cristo, para que no pareciera que adoraban también a otro Dios los judíos. [...] Sin embargo, los evangelistas, y también nuestro Señor y Salvador, así como el apóstol Pablo, citan muchas cosas del Antiguo Testamento que no están en nuestros códices sobre las que disemos mas ampliamente. [...] Pero, no obstante, aquellos que sobresalieron después como interpretes, hablo de Áquila, Simmaco y Teodócion, lo consideran de un modo muy diferente al que nosotros lo leemos. Finalmente (algo que también puede aplacar a nuestros detractores), que las mercancías extranjeras naveguen sólo para los que las quieran: los rusticos no compran bálsamo, pimienta y dátiles. [...] (SÃO JERONIMO, Cuestione hebreas sobre el Génesis, livro 1, 2)

Existe aqui uma discussão maior quanto a relação entre formação religiosa e formação cultural: qual formação intelectual deve seguir aquele que crê? Essa querela se manifesta nas obras de São Jeronimo em questões como: tradução e critica filológica dos textos considerados sagrados; na consideração da formação clássica como um domínio filosófico e literário diferente do propriamente cristão; no domínio de questões linguísticas dispare (latim, grego, hebraico); na formação intelectual como geradora de debates religiosos. Curtius destaca que para Jeronimo:

[...] O quarto livro de Moises encerra “os mistérios de toda a aritmética”, e o livro de Jó, “todas as leis da dialética”. O salmista é “nosso Simônides, Píndaro, Alceu, Horácio e Catulo”. A bíblia é pois, para Jerônimo, não só um documento de nossa salvação mas também um corpo literário que se pode emparelhar com o tesouro da gentilitas. Este sistema de correspondência não foi levado a cabo por Jerônimo, mas se acha tão claramente indicado que pôde ser concluído na Idade Média [...]. (CURTIUS, 2013, p. 112).

No caso das traduções que faz diretamente do hebraico, São Jeronimo quer apresentá-las como fruto de uma cuidadosa investigação de tradições hebreias autorizadas. Avelino Dominguez García, em sua introdução a obra Comentário aos profetas menores, destaca a importância que São Jeronimo dá a crítica textual:

Dentro de esta explicación del sentido literal incluye numerosas explicaciones de carácter filológico, haciendo a veces auténtica crítica textual, para lo cual se sirve de sus conocimientos de la lengua hebrea, del griego y, por supuesto del latín. Para el establecimiento o aproximación con otras traducciones precedentes de la Biblia al griego. Estas traducciones son habitualmente las de Áquila, Teodoción, Símaco, la Quinta Edición y, en ocasiones también su propia traducción, conocida como Vulgata. [...] (GARCÍA, 2000, p. 18)

Seu trabalho sobre os textos bíblicos do Antigo Testamento está repleto destes exemplos: “[...] no fue llamado Ause, como se lee erróneamente en los códices griegos y latinos, palabra que carece por completo de significado, sino Osee, es decir, salvador, y a su nombre le fue añadido el de Señor, de modo que fuera llamado el salvador del Señor [...]”. (SÃO JERONIMO, *Comentario a Oseas*. Livro I, 6).

Em seu *Comentários aos Salmos*, para o qual Jerônimo parece ter buscado inspiração na leitura que fez do Saltério de Orígenes, vê-se claramente a ideia da busca pela tradução que melhor pudesse recuperar o texto bíblico, no que o autor entendia ser o mais próximo do hebraico e, o quanto isso estava relacionado ao seu trabalho como exegeta, ou seja, como seu o trabalho de tradução estava ligado ao de comentarista: “No que se disse em segundo lugar: así, em los volúmenes hebreos no está, pero tampoco em los mismos intérpretes de la Septuaginta, pues releiendo em la biblioteca de Cesarea la Hexapla de Orígenes encuentre que estava escrito uma sola vez. [...]”. (*Comentário ao Salmos*, Livro I, 181)

Se o propósito de São Jerônimo era, antes de tudo, não simplesmente explicar as passagens difíceis dos livros bíblicos, mas dar acesso aos leitores latinos a uma língua antiga, o hebraico, ou mesmo daquela que a pouco tempo se afastaram, o grego; o fato é que esta tarefa, esbarrava com os leitores cristãos acostumados aquelas traduções na qual sua memória havia se formado até então, além da própria autoridade embutida naquelas traduções e seus tradutores, como é o caso da *Septuaginta*. O próprio Santo Agostinho o pede que o tradutor tome cuidado que as correções que faz a esta tradução:

[...] En cuanto a traducir a la lengua latina las Santas Escrituras canóbulas yo no desearía que trabajaras em eso, a no ser del mismo modo que has traducido a Job, haciendo ver, por medio de signo apropiados, la diferencia que hay entre tu traducción y de los Setenta, cuya autoridad es importantísima. (Carta de Agostinho a Jerônimo, 56, 2)

E não foram poucas as vezes que Jeronimo teve de defender-se por seu trabalho não corresponder a essa verdade:

[...] no he seguido a ningún autor, sino que, al traducir del hebreo, me he ajustado más al uso de los intérpretes de la Septuaginta, especialmente en lo que no discrepaban mucho de los hebreos. Sin embargo, también he tenido en cuenta a Áquila, Símaco y Teodoción con el fin de no desviar el interés del lector con una excesiva novedad ni, omitiendo la fuente de la verdad, seguir, contra mi consciencia, los riachuelos de las opiniones. (SÃO JERONIMO, Comentario al Eclesiástico, Livro 1, 3)

Se a tradição literária do mundo antigo propunha a afirmação da escritura sob a autoridade de um texto anterior a ele, questionar a *Septuaginta* significava também mexer com a própria estrutura textual, com a técnica de construção da escrita, com a concepção de credibilidade e autoria da obra.

Sem dúvida alguma, a tarefa deste tradutor esteve aqui ligada as transformações do fim do mundo antigo, que em termos culturais e cristãos significou, em larga medida, o distanciamento entre os pensadores latinos e a língua grega, a relação cada vez mais lascivas entre intelectuais cristãos - como Agostino - e a cultura clássica, os Patriarcados à oriente e Roma, assim como implicou mudanças em relação a própria visão sobre o conhecimento, a ciência etc. Vê-se que o trabalho de tradução dos livros que compunham o Antigo Testamento Cristão por São Jeronimo, esteve em função dessa nova realidade cultural imposta pelas transformações de um mundo de fronteiras fluidas, pela movimentação de povos e pelas instabilidades culturais.

O que esse processo de transformação e adaptação gestou, nos parece ser um universo fértil, no qual os textos hebraicos puderam permanecer como parte constituinte e constitutiva desta sociedade. A tradução e o trabalho de exegese que lhe foi inerente, permitiu uma apropriação determinada destas obras: foi preciso fazê-los responder às necessidades de uma religião cristã que enfrentava uma sociedade em mudança. Diante disso, fica da nossa análise, a questão de que a influência dos textos hebraicos sobre Europa cristã, passou pela interpretação que as traduções destes textos nos propuseram. E não podemos nos afastar da ideia de que o olhar contemporâneo sobre eles não escapa a este feito, que em grande medida, deriva dos trabalhos de tradução de São Jeronimo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Doutrina Cristã*. São Paulo: Paulus, 2012.

BALARD, Michel e PICARD, Christophe. *La Méditerranée au Moyen Âge*. Paris: Hachette, 2014.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

COPELAND, R. *Rhetoric, hermeneutic, and translation in the Middle Ages*. Academic traditions and vernacular texts. Cambridge: University Press, 1991.

CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

DAHAN, Gilbert. *Lire la Bible au moyen âge. Essais d'herméneutique médiévale*. Genève, 2009.

FUNARI, Mauri. Tradução Romana: Suplantação do Modelo. In: *Revista Nuntius Antiquus*. Belo Horizonte, n. 6, dez 2010. ISS: 1983-3636.

GOTOVITZ, Sabine. A tradução enquanto situação de passagem. In: BELL-SANTOS, Cynthia Ann; ROSCOE-BESSA, Cristiane; HATJE-FAGGION, Válmí; SOUZA, Henriques Pereira. *Tradução e Cultura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

OBRAS COMPLETAS DE SAN JERÓNIMO. *Comentário a los Profetas Menores*. Introducción, traducción y notas de Avelino Domínguez García. Vol. IIIa, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2000.

OBRAS COMPLETAS DE SAN JERÓNIMO. *Cuestiones hebreas sobre el Génesis; Libro de la interpretación de los nombres hebreos; Fragmentos selectos del Salterio; Comentario al Eclesiastés*. Introducción, traducción y notas de Rosa María Herrera García. Vol. IV, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

OBRAS COMPLETAS DE SAN JERÓNIMO. *Tratados Apologéticos*. Introducción, traducción y notas de Manuel-Antônio Marcos Casquero e Mónica Marcos Celestino. Vol. VIII, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2009.

OBRAS COMPLETAS DE SAN JERÓNIMO. *Epistolario I*. Introducción, traducción y notas de Juan Bautista Valero. Vol. Xa, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2013.